

## A ANÁLISE DO PAPEL DO *SOFT POWER* E DO *HARD POWER* COMO FORMA DE ATUAÇÃO NA GEOPOLÍTICA GLOBAL

Thierry Wendel Maciel Souza Santos\*

Ticiania Grecco Zanon Moura\*\*

**Resumo:** As relações internacionais são um processo muito dinâmico. Através das análises das duas principais teorias de relações internacionais, Realismo e Liberalismo, se é capaz de entender melhor as relações entre os Estados que mais destacam-se nas arenas de discussões internacionais durante o século XXI e como eles utilizam estas ferramentas, *soft* e *hard powers*, com a finalidade de conseguir se sobressair na arena internacional. A hipótese deste trabalho é que as relações transnacionais (*soft power*) se fizeram superiores ao poderio bélico (*hard power*) no cenário internacional depois da 2ª Guerra Mundial. Dito isso, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel dos *soft* e *hard powers* como forma de atuação na geopolítica global com a finalidade de se verificar qual possui maior predominância atualmente. É possível ver a grande força que um país com *soft power* robusto carrega como ator internacional e que, por consequência, se torna forte internacionalmente. Porém, este mesmo país não está isento de conflitos internacionais. Para um Estado se manter relevante internacionalmente, deve atrair cooperadores internacionais e manter a soberania estatal, mas também manter seu poderio militar à mostra para que seja possível manter uma soberania estatal.

**Palavras-chave:** Teorias das relações internacionais. *Soft power*. *Hard power*.

**Abstract:** International relations is a very dynamic process. Through the analysis of the two main theories of international relations, Realism and Liberalism, it is possible to better understand the relations between the States that stand out in the arenas of international discussions during the 21st century and how they use these tools, soft and hard powers, in order to excel in the international arena. The hypothesis of this work is that transnational relations (*soft power*) became superior to military power (*hard power*) on the international scene after the Second World War. That said, the general objective of this study is to analyze the role of soft and hard powers as a form of action in global geopolitics with the aim of verifying which currently has the greatest predominance. It is possible to see the great strength that a country with robust soft power carries as an international actor and that, consequently, becomes strong internationally. However, this same country is not exempt from international conflicts. A state to remain relevant internationally must attract international cooperators and maintain the state sovereignty of a nation, but also keep its military power on display so that it is possible to maintain state sovereignty.

**Keywords:** Theories of International Relations. *Soft power*. *Hard power*

### Introdução

As Relações Internacionais (R.I.) são o campo acadêmico que estuda as relações políticas, econômicas e sociais entre os Estados. O sistema internacional e sua anarquia é formado pelo conjunto de Estados independentes. As principais teorias das relações internacionais são o Realismo e o Liberalismo. Enquanto a primeira visa a segurança no poder político e conflito, a segundo prega liberdade na cooperação e progresso, respectivamente.

\* Graduando em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: [thierrywendell@gmail.com](mailto:thierrywendell@gmail.com)

\*\* Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia. Doutora em Economia no programa Instrumentos de Análise Econômica na Universidade de Oviedo, Espanha / Mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro). E-mail: [tgzmoura@uesc.br](mailto:tgzmoura@uesc.br)

Com as mudanças sempre constantes nas relações entre Estados, cabe refletir como estas teorias conseguem melhor explicar o atual cenário internacional. Sabe-se que os Estados tentam constantemente aumentar seu poder, tanto por meio do *soft power* quanto do *hard power*. É possível ver exemplos destas ações quando, por exemplo, países reúnem-se para discussões em arenas internacionais, como a COP (*Conference of the Parties*), que é realizada anualmente para discutir sobre temas das mudanças climáticas. Enquanto este tipo de ação é exercido através de um *soft power*, o conflito político, militar e econômico tal como a guerra da Ucrânia e Rússia ou as sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos sobre Cuba, sendo este o embargo mais duradouro da história, são exemplos de *hard power*.

A pergunta da pesquisa em questão é: as relações transnacionais atualmente seriam superiores ao poderio bélico no cenário internacional? A hipótese é que sim, em vista de que um atrairia cooperadores, enquanto outro afastaria possíveis atores aliados para o Estado. Dito isso, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel dos *soft* e *hard powers* como forma de atuação na geopolítica global com a finalidade de se verificar qual possui maior predominância atualmente. Através da análise do contexto contemporâneo, ficará visível como as nações usufruem destes vetores de poder. Por um lado, nota-se que as relações transnacionais se mostram mais importantes que a força bélica. Por outro lado, observa-se que há situações que o *hard power* impera, sendo a ferramenta utilizada como mais assertiva. Buscar-se-á compreendê-los e interpretá-los, através de uma metodologia de pesquisa qualitativa, com um propósito descritivo e com uma revisão bibliográfica de autores como Joseph Nye, Robert Jackson e Georg Sorensen. Além disso, far-se-á uma análise do *Global Soft Power Index* criado pela *Brand Finance*.

Este trabalho se justifica pela necessidade de reflexão sobre as relações internacionais, um processo muito dinâmico. Através das análises das duas principais teorias de relações internacionais, se é capaz de entender melhor as relações entre os Estados contemporâneas e como eles utilizam estas ferramentas, *soft e hard powers*, com a finalidade de conseguir se sobressair na arena internacional.

### **As semelhanças entre o Realismo e o *hard power***

Os conflitos políticos e econômicos do século XX causaram inúmeras mortes e sofrimento. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial, seguidas da fatídica Guerra Fria, trouxeram ao mundo genocídios e barbáries nunca vistos pela humanidade. A visão pessimista

da humanidade junto com uma crença que as R.I. são conflituosas por natureza são centrais para a teoria realista.

O pensamento realista caracteriza os seres humanos como preocupados com seu próprio bem-estar nas relações competitivas uns com os outros...Consequentemente, se esforçam para assumir a liderança nas interações com os outros (JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 102).

Assim, as premissas básicas do Realismo que orientam o pensamento dos teóricos são: o pessimismo da natureza humana; uma visão convicta de que as relações internacionais são conflituosas; a segurança nacional e a sobrevivência do Estado são valorizadas como questões chave; o ceticismo na crença de um progresso da política internacional quando comparada à política nacional. O poder militar e econômico reina e a força bruta de um Estado determina o quão grande ele é perante o mundo; a busca pela segurança e pelo domínio, conforme dito por teóricos realistas, constituía as relações internacionais entre as grandes potências. O Estado, pela teoria, é visto como o protetor máximo da sua população e de seu modo de vida distinto e as relações internacionais são principalmente interações entre Estados (JACKSON; SORENSEN, 2007).

Enquanto o Realismo é a teoria, o *Hard Power* é a execução. Dito de outra forma, o Realismo analisa as motivações e comportamentos dos Estados, incluindo seu desejo de segurança, busca pelo poder e sobrevivência no sistema internacional. A teoria realista possui uma visão pessimista e egocêntrica das relações humanas, sendo a guerra a resolução para os conflitos não resolvidos. Ignorando outros atores na política mundial, como: indivíduos, organizações e ONGs internacionais, os realistas entendem a política internacional como um ser anárquico e quase subjetivo. Assim, se recolhem à segurança nacional e à sobrevivência estatal, manobrando a soberania do Estado para manter seus *status quo*, posicionando-se como árbitro final nas decisões deste ator internacional (JACKSON; SORENSEN, 2007). Já o *Hard Power* focaliza nas ferramentas e nos recursos que os Estados utilizam para atingir seus objetivos, como exércitos, armamentos, economia robusta e alianças militares, isto é, na capacidade de um Estado usar recursos tangíveis para alcançar seus objetivos.

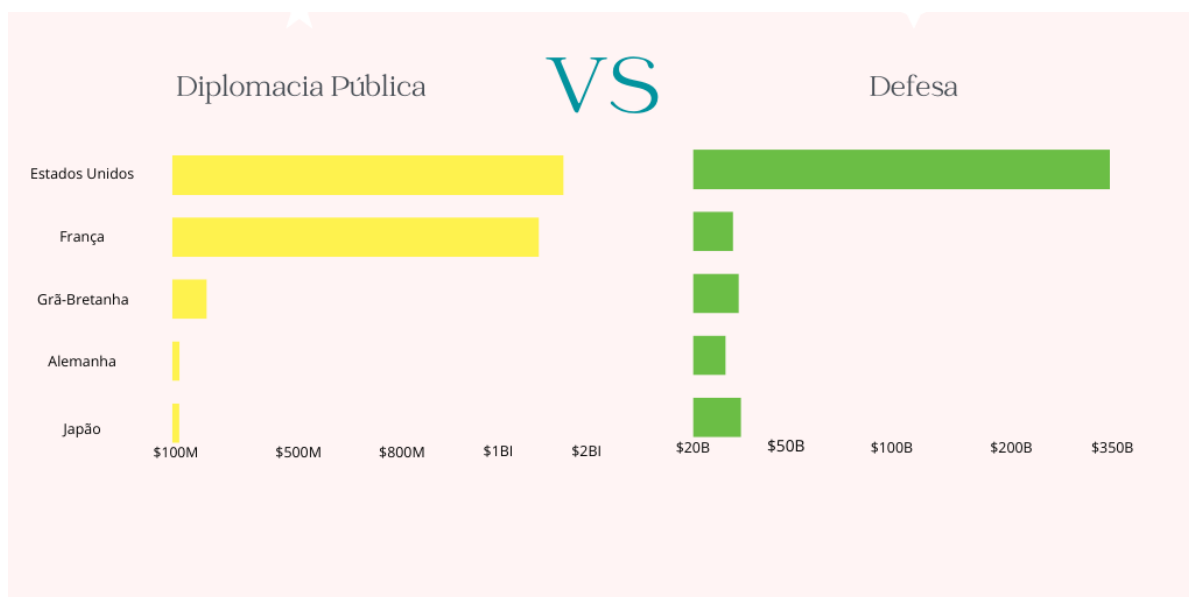
Para Nye, a definição de agenda, uso de força e pagamento é a base para o *hard power*. Além disso, segundo ele, “Todos estão familiarizados com o *hard power*. Sabemos que o poder militar e econômico pode muitas vezes levar outros a mudar sua posição. O *hard power* pode apoiar-se em induções (“cenouras”) ou ameaças (“paus”). (NYE, 2004, p. 5). Segundo o autor, as cenouras e os paus são um sistema de recompensa e punição para incentivar a submissão, a

melhoria do desempenho ou o bom comportamento, que quando usados por um Estado contra outro pode significar o uso de força, induções, sanções e comandos.

Durante uma guerra, um Estado que se encontra em posição de subjugar um outro tem a capacidade, ligada a ameaça, medo ou punição, de persuadir, dissuadir ou induzir, para que o Estado subjogado faça o que o subjugador deseja. (NYE, 2002, *apud* MARTINELLI, 2016, p 68).

Portanto, não cabe somente ao conflito armado em si no *hard power*, mas também qualquer intervenção clara em outro Estado pode ser assim considerada. A conexão entre o *hard power* e seu aspecto econômico é centrado na aptidão econômica do ator em questão, já que quanto maior esta aptidão, mais instrumentado ele estará para utilizar essa força, assim utilizando-se de medidas como: sanções, embargos, suspensão de subsídios, parcerias e investimentos para subjugar um terceiro (MARTINELLI, 2016). Determinando assim a usabilidade e as características deste poder, é possível estabelecer os atores que usam com mais frequência e os que mais investem, conseqüentemente, no *hard power* no século 21 (Figura 1).

**Figura 1 comparativo de investimentos (em milhões de dólares)**



Fonte: Elaborada pelo autor com base em NYE, 2004.

Estes atores estão no topo no que condiz a tecnologia militar e reservas de dinheiro e apresentam-se como imperialistas. Assim posto, eles apresentam grande investimento militar para manter uma defesa estatal, desta forma são grandes demonstradores de *hard power* e possuem um poder de subjugar maior do que a maioria dos outros atores.

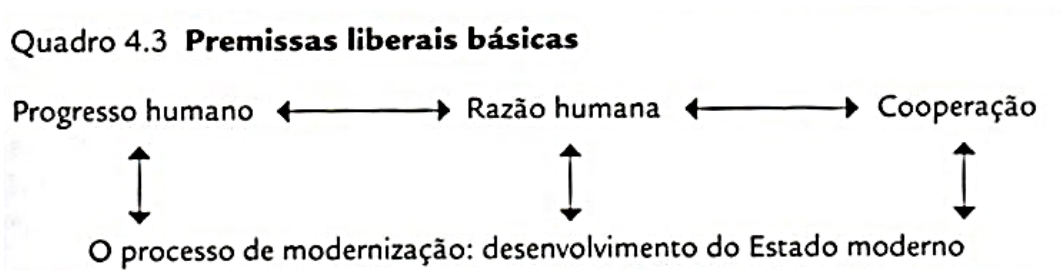
## As semelhanças entre o Liberalismo e o *soft power*

A premissa liberal dentro das teorias de R.I. existe como uma antagonista à visão do Realismo. A discussão teórica entre estas duas vertentes é vista como o primeiro grande debate e o que perdura até os dias atuais. Sendo assim, o embate ideológico dessas duas vertentes fomenta debates sobre a natureza humana, carregando uma visão positiva da sua natureza, crença no progresso, junto com uma visão convicta da cooperação internacional na visão liberalista, em contraposição da versão conflituosa, antes apresentada pelo Realismo (JACKSON; SORENSEN, 2007).

O progresso para os liberais é sempre para os indivíduos, isto é: a preocupação central do Liberalismo é a felicidade e a satisfação dos seres humanos. John Locke argumenta que os Estados existem para garantir a liberdade de seus cidadãos e, desta forma, permitir que vivam suas vidas e busquem a felicidade sem a interferência indevida de outros (JACKSON e SORENSEN, 2007, p. 154).

A premissa liberalista emana uma análise do indivíduo e de seus coletivos, organizações e corporações (como pode ser visto na figura 2), contudo, no centro desta análise está o Estado, que deve garantir a liberdade e o progresso a esse indivíduo. O otimismo dessa vertente teórica enxerga a modernização do Estado para chegada do progresso, que pode trazer a prosperidade em várias áreas, incluindo as relações internacionais. Os indivíduos, para o Liberalismo, têm um maior protagonismo, sendo que o progresso obtido pelo Estado é convertido em felicidade e satisfação para os seres humanos (JACKSON; SORENSEN, 2007).

**Figura 2 – Quadro de premissas básicas do Liberalismo**



Fonte: JACKSON; SORENSEN (2007, p. 155).

Desta maneira, o indivíduo cidadão torna-se importante para as relações internacionais. O exponencial crescimento da migração afeiçou as qualidades analíticas e o surgimento de uma

agenda política com questões como: meio ambiente, doenças, crises monetárias e terrorismo. E a revolução tecnológica, globalização da TV e o surgimento das mídias-sociais trouxeram luz aos olhos dos cidadãos, que agora podem enxergar, comentar e se organizar em manifestações, vendo assim as micro ações e macro resultados, como explanado por Rosenau (1992, *apud* JACKSON; SORENSEN, 2007).

Dentro da teoria liberal, umas das vertentes seguidas por seus teóricos é o Liberalismo da interdependência, no qual o intercâmbio, as ligações econômicas, trazem uma dependência mútua entre os povos e Estados; e as pessoas e governos sofrem e são impactadas por ações que ocorrem em todos os lugares do mundo, conforme evidenciado pela figura 3, (JACKSON; SORENSEN, 2007). Segundo Jackson e Sorensen (2007, p. 151), “Os liberais da interdependência dão uma atenção particular às ligações econômicas de intercâmbio e dependência mútua entre povos e governos”. A interdependência acentua o desenvolvimento econômico junto com o comércio exterior como formas otimizadas de prosperidade política, sendo o poder militar e expansão territorial medidas extremas e obsoletas de obtenção de poder.

**Figura 3 – Quadros de tipos de relações internacionais**

REALISMO	INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estados como atores dominantes e unidades coesas</li> <li>• Força utilizável e efetiva</li> <li>• Segurança militar domina agenda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atores transnacionais cada vez mais importantes. Estados não são unidades coesas</li> <li>• Força militar menos útil. Instrumentos econômicos e institucionais mais úteis</li> <li>• Segurança militar menos importante. Questões de bem-estar cada vez mais relevantes</li> </ul>

Fonte: JACKSON; SORENSEN (2007, p. 164).

Um exemplo desta outra forma de atuar na arena internacional são os casos de Japão e Alemanha, que se abstiveram da opção político-militar tradicional de alto gasto militar no pós-guerra e focaram seus esforços no trabalho internacional e interdependência elevada, como dito por Jackson e Sorensen (2007). Claro que mesmo com a existência da interdependência, os conflitos e guerras não deixariam de existir, porém isto sobrecarrega os governos e traz gastos enormes.

Basicamente, os liberais da interdependência argumentam que a alta divisão de trabalho na economia internacional intensifica a interdependência, desestimulando e reduzindo os conflitos violentos entre os Estados. Apesar de permanecer o risco de os Estados modernos retomarem a opção militar e iniciarem mais uma vez corridas

armamentistas e confrontos violentos, a probabilidade de isso ocorrer é baixa; (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 160).

Robert Keohane e Joseph Nye colocam que a interdependência complexa debate que, antes das grandes guerras, o protagonismo das relações internacionais caía nas mãos dos líderes de Estado, que entre si lidavam com as questões e tinham o uso da força militar - característica do Realismo, como forma de resolução de conflitos (KEOHANE; NYE, 1977 *apud* JACKSON; SORENSEN, 2007). Deste modo, a “política superior” da segurança e da sobrevivência tinha prioridade sobre a “política inferior” da segurança e das questões sociais. A introdução de novos atores dentro das relações internacionais e o decaimento do uso de força militar com cunho político demonstra o nascimento dessa interdependência complexa entre os países e, por conseguinte, a busca de atores transnacionais, que se tornou o objetivo dos governos. Porém, essas ONGs e corporações transnacionais irão investir não só nos objetivos das nações que são suas origens, mas também em seus próprios objetivos. Um exemplo disso é o caso da Dinamarca e Noruega no que se refere à navegação internacional: “(...) apesar de pequenas em tamanho, a Dinamarca e a Noruega dominarão a navegação internacional por causa de suas grandes frotas mercantis e de seus navios-tanques” (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 164). Assim sendo, Keohane e Nye traçam uma linha que liga a interdependência complexa à modernização social, que teve ascensão após a década de 1950. Europa Ocidental, América do Norte e Japão são os países nos quais mais se evidenciou o uso desta teoria. Isso porque mesmo estes países mais desenvolvidos não fogem à anarquia descrita na teoria realista das relações internacionais. Keohane e Nye (1977) põem grande esforço para alertar isto, deixando claro que, mesmo assim, não é impossível imaginar um conflito dramático. Mesmo com a industrialização e desenvolvimento, as grandes nações ocidentais ainda podem entrar em conflito e aspectos básicos como a soberania de um Estado podem levar a um conflito de grande escala, onde reinaria o Realismo como uma forma mais apropriada de lidar com este assunto (JACKSON; SORENSEN, 2007).

Com base nesta nova forma de poder internacional, surge o conceito de *soft power*, criado na década de 1990 por Joseph Nye. Este conceito se refere à maneira de poder de política externa contrária ao método tradicional, que ele chamou de *hard power* (*Global Soft Power Index*, 2022). A prática já ocorria mesmo no pós-guerra, quando alguns governos, sendo o principal o americano, sutilmente se utilizavam do ainda desconhecido *soft power*.

Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso *soft power* é reforçado. Há muito tempo os Estados Unidos têm um grande *soft power*.

Pense no impacto das Quatro Liberdades de Franklin Roosevelt na Europa, no final da Segunda Guerra Mundial (NYE, 2004, p, 10).

O nascimento do conceito em si, portanto, é apenas a sistematização realizada por Nye, que vai ao encontro de uma visão hegemônica da época porque enxergava o poder, além do político militar e econômico, ou seja, salientando uma terceira via de poder (NYE, 2004, p. 6). Assim sendo, o espectro de condução do *soft power*, que tende à cooperação, e a definição da agenda mundial começou a ser estudado (Tabela 1.).

**Tabela 1** - Espectros e recursos

	<i>hard</i>	<i>soft</i>
Espectro de Comportamentos	coerção      indução	definição da agenda      atração
	Comando ← ● — ● →	● — ● → Co-opt
Recursos mais prováveis	Forçar sanções      pagamentos de subornos	Instituições      valores cultura políticas

Fonte: Elaborada pelo autor com base em NYE, 2004.

O *soft power* entra como uma das ferramentas para que, com meios não coercitivos, o ator consiga o resultado desejado. Como dito por Nye (2004, p.6), “O *soft power* não é apenas o mesmo que influência. Afinal, a influência também pode residir no *hard power* das ameaças ou dos pagamentos. E o *soft power* é mais do que apenas persuasão ou capacidade de mover as pessoas por meio de argumentos...”. O poder de mover e mudar opiniões é a grande força por trás do *soft power* e, quando pensamos em um mundo interdependente, o protagonismo no cenário da política internacional abre os holofotes antes focados somente nas nações que eram o centro e mostram agora outros atores que movem peças diferentes das movidas pelos movimentos realistas do *hard power*. Contudo, como o mundo ainda é um mundo de Estados e conflitos dramáticos, os poderes têm que se complementar preenchendo a falha um do outro.

De acordo com a compreensão de Nye, o *hard power*, poder militar e econômico, e o *soft power*, fonte de poder sedutor ideológico-social-cultural, devem ser complementares para que um Estado consiga manter sua posição de hegemonia, ou vir a ser um ator hegemônico, não podendo se focar em apenas uma dessas duas fontes de poder, e sim nas duas, para que sejam complementares e efetivas (NYE, 2002, *apud* BARBOSA MARTINELLI, 2016, p. 70).

Sendo assim, o *soft power* é irrestrito, englobando atores fora do mundo estatal, tornando-se caracterizado por ser indireto, transnacional e não imediato. As fontes de poder que residem no *soft power* exibem três principais recursos “sua cultura (em lugares onde é atraente



para os outros), seus valores políticos (quando os faz jus no país e no exterior) e suas políticas externas (quando são vistos como legítimos e têm autoridade moral).” (NYE, 2004, p. 11). A cultura, sendo as manifestações de um povo, é, como dito por Nye (2004), um conjunto de valores e práticas, distinguidas normalmente entre alta cultura e baixa cultura, com a alta sendo vista como: literatura, arte e educação; já a baixa seria a cultura popular com o entretenimento da massa. Os valores políticos de Estado são vistos em outros países, causando, assim, um descontentamento ou uma aproximação por ideais, por exemplo, a segregação racial durante a década de 1950 afastou as relações entre os Estados Unidos e o continente africano, já atualmente as leis de controle de armas e a pena capital nos EUA causam divergências com países europeus, como apontado por Nye (2004).

Alguns ativos do *hard power* como as forças armadas são estritamente governamentais; outros são inerentemente nacionais, como as reservas de petróleo e minerais, e muitos podem ser transferidos para o controle coletivo, como a frota aérea civil que pode ser mobilizada em uma emergência. Em contraste, muitos recursos de *soft power* são separados do governo americano e só respondem parcialmente a seus propósitos. (NYE, 2004, p. 14).

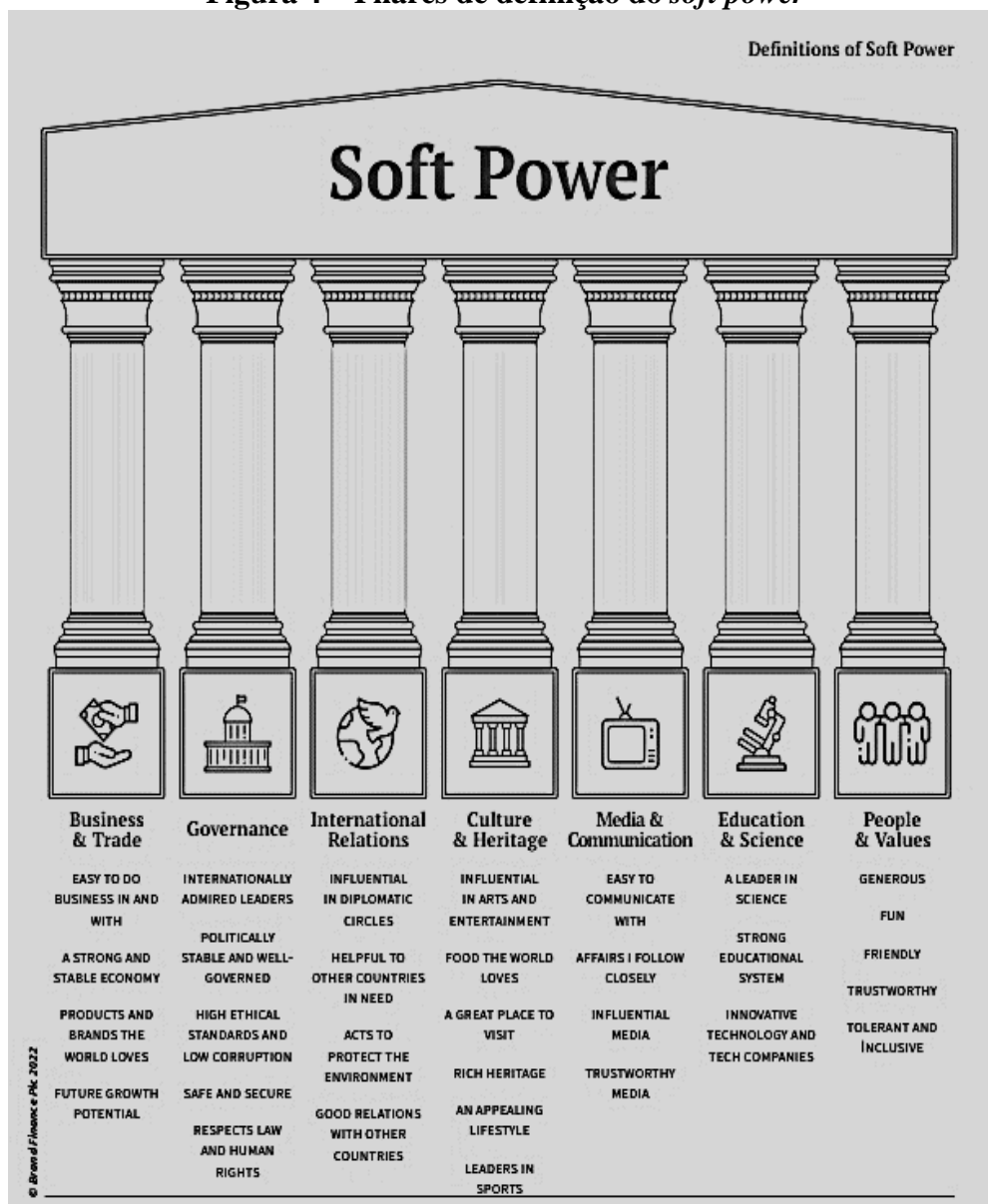
Por fim, dentro das políticas externas, as ações que ultrapassam fronteiras como uma guerra, possibilitam a queda do *soft power* de um país. Os Estados Unidos passaram por uma destas quedas durante a Guerra do Iraque. Nye (2004) evidenciou que, como medido em pesquisas no pós-guerra do Iraque em 2003, foi visto um descontentamento, principalmente com as ações do presidente Bush. Por consequência, estes comportamentos ou defesa de valores afetam as preferências de outros atores, atraindo-os ou repelindo-os, porém quando se trata de *soft power*, o controle não está totalmente na mão do Estado, diferente de tudo que engloba o *hard power*.

### ***Global Soft Power Index e a análise do soft power em 2022***

O Índice Global de *soft power* foi criado pela empresa *Brand Finance*, uma consultora especializada em finanças de marketing desde 2019. A *Brand Finance* encomenda pesquisas originais para a análise da reputação e influência das Nações, apresentando, assim, mais uma definição de *soft power*. O *Brand Finance* define *soft power* como "a capacidade de uma nação de influenciar as preferências e comportamentos de vários atores na arena internacional (estados, corporações, comunidades, públicos etc.) através de atração ou persuasão em vez de coerção." (*Global Soft Power Index*, 2022, p. 13). O índice obtido pela empresa é diversificado e amplo, buscando mais de 100.000 respostas em mais de 100 países, focado no público geral

e sua visão sobre mais de 120 países, além da visão de especialistas, como: jornalistas, líderes empresariais, analistas de mercado, políticos, acadêmicos, grupos de reflexão e ONGs. Ela divide, como evidenciado pela figura 4, o *soft power* em 7 pilares fundamentais: Negócios e Comércio, Governança, Relações Internacionais, Cultura & Patrimônio, Mídia & Comunicação, Educação & Ciência, e Pessoas & Valores.

**Figura 4 – Pilares de definição do *soft power***



Fonte: *Global Soft Power Index* (2022, p. 21).

Além destes sete pilares, são apresentadas mais algumas variáveis para a discussão, a familiaridade: como as nações são vistas e reconhecidas pelas pessoas; influência, como o respondente avalia o grau de influência desta nação específica dentro do seu próprio país e também mundialmente; reputação, como a nação em questão é vista, sua reputação global e,

por fim, adicionalmente foi incluído o desempenho no combate à pandemia COVID – 19 (em três métricas: Recuperação Econômica, Cuidados de Saúde & Vacinas e Ajuda Internacional) (*Global Soft Power Index*, 2022). A métrica do combate à COVID – 19 foi adicionada neste ano por causa de seu grande impacto mundial; os respondentes falaram suas percepções de como as nações lidaram com pandemia e de que modo se esforçaram para combatê-la.

As ponderações dadas a cada medida dentro do Índice foram baseadas em uma combinação de opiniões de especialistas, provenientes de uma extensa revisão da literatura e de um processo de consulta de especialistas, e análise estatística avaliando o grau de correlação entre o desempenho dos pilares e a Influência. *Global Soft Power Index*, (2022, p. 23).

Por meio dos resultados obtidos por este índice, são revelados alguns destaques de 2022. EUA recuperam o 1º lugar no ranking após virar a mesa na COVID-19; China chega à 4ª posição, sua posição mais alta de todos os tempos, superando o Japão na Ásia; o *soft power* da Rússia cai globalmente após a invasão; as posturas em relação à Ucrânia elevam-se; e, Brasil melhora a pontuação à medida que ganha relevância entre as grandes nações (*Global Soft Power Index*, 2022). A seguir, a Figura 5 irá expor mais detalhes sobre cada país discutido.

O índice atribui esta recuperação dos EUA, subindo de volta ao primeiro lugar depois de passar por um período de grandes crises de saúde e uma onda de revolta civil durante a presidência de Donald Trump. A mudança de presidente e a virada na vacinação e combate à COVID – 19 foram traduzidos como uma crescente na maioria das variáveis do índice com a presidência de Joe Biden. Ademais, os EUA continuam tendo influência mundial no entretenimento do *Global Soft Power Index* (2022). Plataformas de mídia como Netflix, Amazon, Disney, Google e Apple continuam a se expandir globalmente, permitindo o acesso à cultura americana, mas também se tornando um canal de entrega chave para produções culturais locais.

**Figura 5 – Top 20 países no *Global Soft Power Index***

### Global Soft Power Index Top 20

1		↑ 6	United States	70.7	55.9	+14.8
2		↑ 3	United Kingdom	64.9	57.9	+7.0
3		↓ 1	Germany	64.6	62.2	+2.4
4		↑ 8	China	64.2	54.3	+9.9
5		↓ 2	Japan	63.5	60.6	+2.9
6		↑ 7	France	60.6	55.4	+5.3
7		↓ 4	Canada	59.5	57.2	+2.3
8		↓ 5	Switzerland	56.6	56.3	+0.3
9		↑ 13	Russia*	56.1	50.5	+5.5
10		↑ 19	Italy	54.7	48.3	+6.4
11		↑ 22	Spain	53.0	47.5	+5.6
12		↓ 11	South Korea	52.9	51.3	+1.6
13		↓ 10	Australia	52.7	52.2	+0.5
14		↓ 9	Sweden	52.3	52.2	+0.1
15		↑ 17	United Arab Emirates	52.0	48.4	+3.6
16		↓ 12	Netherlands	50.6	50.5	+0.1
17		↓ 14	Norway	49.7	50.1	-0.4
18		↓ 15	Denmark	48.8	49.4	-0.6
19		↑ 21	Belgium	48.5	47.7	+0.8
20		← 20	Singapore	48.5	47.9	+0.6

\* Research conducted in the autumn of 2021 - does not account for the impact of Russia's invasion of Ukraine.

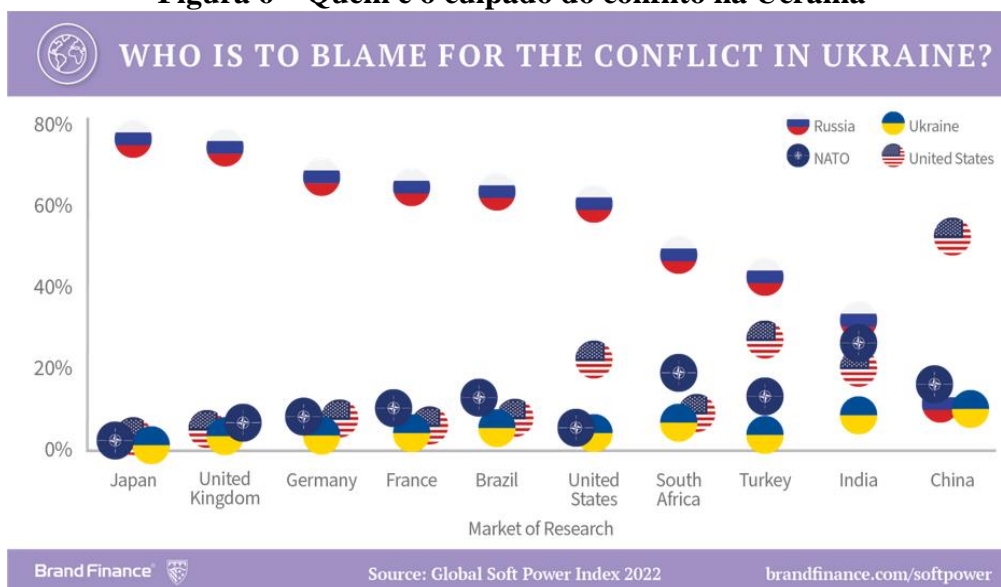
Fonte: *Global Soft Power Index (2022)*.

A China, por sua vez, tem seu melhor desempenho no índice, enquanto que em 2021 ficou em oitavo lugar. Agora, em 2022, chega à quarta posição, a mais alta entre os países asiáticos. Dentro dos pilares e variáveis impostos pelo índice, “obteve um desempenho particularmente bom no pilar Negócios e Comércio, onde agora ocupa o 1º lugar, saltando acima dos EUA, Alemanha e Japão no processo.” (*Global Soft Power Index, 2022, p. 35*). A percepção sobre a nação chinesa mudou devido ao sucesso de sua política durante a pandemia, além disto, a China também ofereceu ajuda a vários países.

A China ofereceu ajuda a países do mundo inteiro na forma de equipamentos de proteção pessoal doados e vacinas - o que sem dúvida a ajudou a passar do 52º para o 28º lugar na métrica "generosa" do pilar "Pessoas & Valores". Proporcionando à China uma oportunidade de se mostrar ao mundo, os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim 2022 provavelmente darão um impulso a seu fraco poder no índice do próximo ano. Entender como uma marca de nação é percebida em detalhes granulares é fundamental para desenvolver o *soft power*, e eventos em larga escala podem ser alavancados com sucesso para servir a uma estratégia de marketing e comunicação bem planejada. Global Soft Power Index (2022, p. 35).

O conflito entre Rússia e Ucrânia vem sendo sentido pelo mundo e opiniões sobre o culpado do conflito começam a ser levantadas. Na maioria dos países, a Rússia está sendo a culpada. Com isto, a reputação do país vem caindo, enquanto a mídia global vem dando uma boa percepção sobre a Ucrânia. O Presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy continua a impressionar tanto os líderes quanto o público, pois ele e os diplomatas do país têm realizado enormes esforços para construir uma coalizão internacional de apoio que trouxe resultados tangíveis (*Global Soft Power Index*, 2022). Estas ações têm tido efeito, já que, quando se realiza pesquisas pelos países do mundo sobre quem é o culpado pela guerra da Ucrânia, o primeiro que aparece é a Rússia, conforme evidenciado na representação gráfica número 6, o que faz com que a Rússia perca espaço e aliados para cooperação.

**Figura 6 – Quem é o culpado do conflito na Ucrânia**



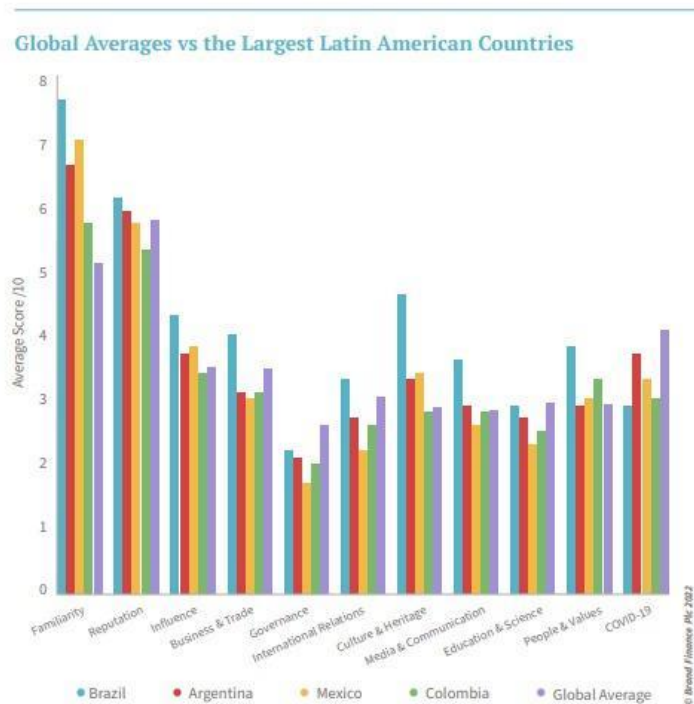
Fonte: (brandfinance.com/softpower, 2022).

Dentro das R.I., são apresentadas posições contra e a favor da expansão da Otan para o leste europeu: “Segundo os defensores da expansão em direção ao Leste, a ampliação preveniria os planos e as ações de segurança da Rússia nos termos da Guerra Fria” (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 135). Do lado da oposição ao avanço da OTAN, um dos argumentos

pertinentes é de que os Estados Unidos sairiam mais fortes com relações cooperativas com o mundo em comparação com a Rússia, que estaria ameaçada e enfraquecida. Outro ponto pertinente apresentado é a credibilidade da aliança por seu aspecto principal ser a promessa de defesa, sem exceção, no caso de ataque, mas que não se cumpriria aos países mais ao Leste, caso isto levasse a uma guerra total (JACKSON; SORENSEN, 2007).

O Brasil é o país latino melhor ranqueado, na 28ª posição. Mesmo não sendo um dos melhores anos para a imagem do Brasil, sua escalada no ranque foi reconhecida e vista como uma melhoria. O Brasil ainda é valorizado em vários quesitos do índice, como familiaridade, cultura e herança, pois segundo o índice, o Brasil é destaque no mundo das artes globais. A má gestão durante a pandemia puxou o país para baixo.

**Figura 7 - Médias globais versus os maiores países da América Latina**



Fonte:(Global Soft Power Index, 2022).

Outros países da América Latina lidaram melhor neste quesito. Apesar de todos os problemas acarretados pela pandemia de Covid-19, o Brasil ainda é visivelmente superior em outras áreas de análise do índice e, quando comparado com outras grandes nações da América Latina e a média global, o Brasil ainda é o maior e provavelmente o mais importante país latino-americano, conforme evidenciado na representação gráfica número 7.

## Considerações finais

Esse trabalho pretendeu analisar o papel dos *soft* e *hard powers* como forma de atuação na geopolítica global com a finalidade de se verificar qual possui maior predominância atualmente. As aplicações destas relações de forças por parte dos países, através dos termos *soft* e *hard powers*, criados por Joseph Nye, são colocadas em prática, atentando-se ao fato do que ele intitula de interdependência complexa dentro da anarquia das relações internacionais.

Ficam claras, então, as forças crescentes que existem dentro do *soft power*: a constante interdependência que põe os Estados em uma ligação. A disputa brutal, armada, ou que envolve sanções e persuasão possivelmente não terá mais tanta força, mas, como evidenciado pelos autores citados, não deixará de existir, assim como guerras e outros conflitos, contudo a pressão internacional agora é muito mais forte do que jamais foi e o mundo interdependente é um palco onde todos os países serão julgados por seus atos, não só por outras nações, mas do mesmo modo por atores como: transnacionais, organizações internacionais e por indivíduos. As questões de bem-estar vêm se tornando cada vez mais relevantes, transcorrendo em um investimento maior no progresso e na cooperação. Os pilares do *soft power* apresentados pelo *Global Soft Power Index* da *Brand Finance* mostram setores que vão além da economia, por exemplo o reconhecimento internacional do Brasil por ser um país que tem sua cultura e herança gigantesca e como consegue transmitir isto bem para indivíduos de outras nações.

A teoria de Joseph S. Nye se faz relevante para os estudos contemporâneos das relações internacionais; fica óbvia a similaridade dos conceitos de Realismo e Liberalismo com os conceitos de *hard* e *soft power*. Talvez seja certo dizer que são maneiras mais palpáveis e de entendimento mais direto. Sendo assim, os Estados que souberem melhor aplicar os conceitos de *soft power* terão vantagens estratégicas em arenas de discussões internacionais, assim atraindo cooperadores “Ganhar a paz é mais difícil do que ganhar uma guerra, e o *soft power* é essencial para ganhar a paz.” (NYE, 2004, p. 7).

É possível ver a grande força que um país com *soft power* robusto carrega como ator internacional e que, por consequência, se torna forte internacionalmente, o que confirma a hipótese do trabalho.

Entretanto, é importante considerar que esta realidade pode estar mudando. A guerra na Ucrânia reverteu o que já durava desde a 2ª Guerra Mundial, um período de gastos concentrados em *soft power* da Alemanha para *hard power*. Assim sendo, um país, mesmo com grande capacidade de *soft power*, não está isento de conflitos internacionais. A anarquia, que é sempre descrita nas relações internacionais, não deixa seguro nem o país mais bem estimado

internacionalmente. Mesmo com esta grande força, ainda assim é possível que haja ataque político-militar ou econômico contra qualquer Estado. Organismos internacionais, como a OTAN, têm força para definir inimigos para várias nações, tornando, assim, as relações para estes países inimigos um ato difícil de ser conseguido. É possível ver as mudanças que um conflito no nível da guerra entre Ucrânia e Rússia ocasionam. Países que dividem fronteiras são obrigados a se preparar para o envolvimento no conflito, como o exemplo da Alemanha, que aumentou seus estoques do exército e com um fundo de 100 bilhões se prepara para uma possível escalada da guerra (VEJA, 2022.).

Por fim, é possível concluir que o sucesso de um país na arena internacional depende de ele gerenciar as duas forças, *soft* e *hard*, em equilíbrio. Isso vai contra a hipótese deste trabalho: de que as relações transnacionais seriam superiores ao poderio bélico. Chegou-se a esta conclusão porque se viu necessário que para um Estado se manter relevante internacionalmente, ele deve atrair cooperadores internacionais e manter a soberania estatal de uma nação, mas também manter seu poderio militar à mostra para que seja possível manter uma soberania estatal.

## Referências

**Alemanha está preparada para escalada da guerra na Ucrânia, diz premiê.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/alemanha-esta-preparada-para-escalada-da-guerra-na-ucrania-diz-premie/>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

BARBOSA MARTINELLI, C. O jogo tridimensional: o hard power, o soft power e a interdependência complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, 25 jun. 2016.

**Global Soft Power Index 2022: USA bounces back better to top of nation brand ranking | Press Release | Brand Finance.** Disponível em: <<https://brandfinance.com/press-releases/global-soft-power-index-2022-usa-bounces-back-better-to-top-of-nation-brand-ranking>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

**Global Soft Power Index 2022: The world's most comprehensive research study on perceptions of nation brands. Brand Finance, 2022.** Disponível em: [Global Soft Power Index | Brandirectory](#). Acesso em: 10 nov. 2022.

JACKSON, Robert; SØREN-SEN, Georg. **Introdução às relações internacionais**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007. 445 p.

NYE, J. S. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: PublicAffairs, 2009.